

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Luise Oliveira de Freitas

**PLANEJAMENTO INTEGRADO:  
uma oportunidade à aprendizagem**

Porto Alegre  
2. semestre  
2015

Luise Oliveira de Freitas

**PLANEJAMENTO INTEGRADO:  
uma oportunidade à aprendizagem**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Roseli Inês Hickmann

Porto Alegre

2. semestre

2015

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir mais uma etapa da minha vida, quero agradecer primeiramente aos meus pais, Enio e Denise, por me apoiarem desde o início desta jornada de ser professora e sempre torceram por mim. Além, é claro, de estarem sempre ao meu lado nos momentos difíceis e eu precisava de uma âncora para me segurar. Eles estão sempre comigo. Obrigada por tudo! Amo muito vocês!

Ao meu irmão, Gabriel, obrigada por estar sempre disposto a me ajudar e me aconselhar durante a minha vida inteira e claro, na vida acadêmica não seria diferente. Obrigada por todo apoio, carinho, conselhos e puxões de orelha, quando foi necessário. Obrigada por tudo! Tu me enche de orgulho! Te amo!

Ao meu noivo, Marlon, por estar ao meu lado, sempre me apoiando nos momentos difíceis, me dando carinho e força para superar tudo. Além, é claro, de sempre estar ao meu lado nos momentos de felicidade e torcer por mim sempre, desde o meu ensino médio até agora, final da graduação! Obrigada por entender a minha ausência nos finais de semana para que eu pudesse estudar e fazer os trabalhos da faculdade, principalmente os relacionados ao estágio obrigatório e, óbvio, o TCC. Te amo muito, mozi! Obrigada por tudo!

À UFRGS por oportunizar todos os conhecimentos que adquiri através dela e por ter me presenteado com pessoas maravilhosas ao meu redor, como a minha orientadora Roseli Inês Hickmann, que foi um dos principais presentes que recebi da UFRGS. Obrigada Prof por toda segurança, carinho, compreensão, paciência e calma que teve comigo durante este semestre. O teu lado poético me encanta! Te levarei para sempre em meu coração!

Às minhas colegas desta jornada que, no final das contas, viraram minhas amigas, que levarei para sempre em meu coração. Aline, Danieli, Larissa, Mariana, Rafaela e Clause, obrigada por tudo! Vocês são demais! Gurias, amo vocês!

Em especial, à minha melhor dupla, companheira, amiga e parceira de trabalho, Gabrielly. Obrigada por todas as risadas, por todos os abraços e consolos. Obrigada por ficar várias noites acordada de madrugada fazendo trabalhos comigo, por cada palavra dita desde o primeiro semestre para me animar e não deixar e cair. Gaby, obrigada por tudo! Agora vem a pós!!! Te amo, amiga!

Às minhas colegas que também são minhas amigas, que responderam às entrevistas para a realização deste trabalho. Sem vocês, ele não existiria. Obrigada! Vocês são demais!

E claro, agradeço ao Colégio La Salle Dores, onde aprendi tudo o que sei hoje, onde cresci lá dentro dos meus 6 até os 17 anos, onde descobri a carreira que queria seguir. E onde voltei aos 18 anos como estagiária e aprendi muito mais na prática o que é ser professora e como é bom trabalhar com crianças. Onde conheci pessoas que me deixaram marcas pra vida. Professoras Fernanda, Alessandra e Eliane, aprendi muito muito muito com vocês! Obrigada por todo carinho e compreensão! Amo todas e amei ter trabalhado com vocês na época em que era estagiária!

Mais uma vez, agradeço ao pessoal do La Salle Dores por ter escutado todos os meus desabafos sobre este último ano de faculdade e me darem forças para terminá-lo. E obrigada por cuidarem da minha turma nos momentos em que fiquei ausente quando foi necessário! Obrigada!

**OBRIGADA A TODOS!**

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar e identificar se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para atingir este objetivo foram escolhidas cinco professoras-estagiárias que realizaram seus estágios obrigatórios do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no primeiro semestre do ano de 2015. O foco da pesquisa teve, então, como problema orientador analisar se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias. Trata-se de um estudo investigativo com uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizando entrevistas semiestruturadas. Os principais referenciais teóricos utilizados para interlocução, análise e problematização dos dados foram: Fernando Hernández e Jurjo Torres Santomé, que abordam a temática do currículo integrado, planejamento integrado e projetos de trabalho. Também busquei apoio teórico nas ideias de Maria Bernadette Castro Rodrigues e Maria Luisa Xavier a fim de fundamentar e contextualizar as diferentes formas de planejar de maneira integrada. O texto mais diretamente relacionado às reflexões analíticas encontra-se dividido em dois eixos: 1 – Desafios na hora de planejar; 2 – Concepções de planejamento integrado e suas possibilidades de oportunizar aprendizagens. Ao finalizar esta pesquisa, tendo como foco identificar as possibilidades de um planejamento integrado oportunizar aprendizagens juntos aos alunos, a partir das narrativas de professoras-estagiárias, foi possível constatar que existem diferentes possibilidades de um planejamento integrado proporcionar aprendizagens, destacando-se aprendizagens no âmbito social e argumentativo nos momentos em que os alunos expuseram suas ideias sobre a temática do projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo integrado. Planejamento integrado. Projetos de trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	06
<b>2</b>	<b>JUSTIFICANDO E RESSIGNIFICANDO A FORMA DE PLANEJAR - dando sentido ao estudo</b> .....	08
<b>3</b>	<b>UM POUCO DE HISTÓRIA: AS ORIGENS DO PLANEJAMENTO DE UM CURRÍCULO INTEGRADO – contextualizando o estudo</b> .....	12
3.1	SOBRE AS DIFERENTES FORMAS DE INTEGRAR .....	17
3.1.1	Os centros de interesse .....	17
3.1.2	Método de projetos .....	18
3.1.3	Temas geradores .....	19
3.1.4	Projetos de trabalho .....	20
<b>4</b>	<b>TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	22
4.1	PESQUISA QUALITATIVA .....	22
4.1.1	Estudo de caso .....	23
4.1.2	Instrumento de coleta de dados: Entrevista semiestruturada .....	24
<b>5</b>	<b>PLANEJANDO E INTEGRANDO SABERES – Olhares das professoras-estagiárias</b> .....	26
5.1	DESAFIOS NA HORA DE PLANEJAR .....	28
5.2	CONCEPÇÕES DE PLANEJAMENTO INTEGRADO E SUAS POSSIBILIDADES DE OPORTUNIZAR APRENDIZAGENS .....	30
<b>6</b>	<b>INDÍCIOS DE UM NOVO PERCURSO</b> .....	35
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37
	<b>APÊNDICE</b> .....	40
	Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	41

## 1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar e identificar se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias escolhidas para esta pesquisa a fim de responder a pergunta central: o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias?

A temática desta pesquisa começou a me inspirar a partir do quinto semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mais a fundo durante o meu estágio curricular obrigatório, onde me via em conflito por não conseguir utilizar o planejamento integrado numa perspectiva globalizada.

Entendo por planejamento integrado não apenas fazer o uso de um projeto e explicar os conteúdos que surgem a partir dele. Mas sim de analisar e pesquisar os conteúdos na sua totalidade, de forma globalizada, abrangendo as atitudes dos alunos e as formas de se expressar e conhecer uma cultura. Entendo que se deve abordar temáticas que se relacionam com a vida fora da escola e que os alunos se construam como cidadãos.

Por motivos mencionados neste trabalho, não consegui aproveitar as virtudes de utilizar um planejamento integrado no meu estágio. Com base na minha inquietação perante isto, decidi pesquisar e aprimorar meu conhecimento acerca do assunto. A presente pesquisa refere-se a um estudo de caso de caráter qualitativo utilizando entrevistas semiestruturadas com professoras-estagiárias do Curso de Pedagogia da UFRGS que realizaram seus estágios no primeiro semestre deste ano (2015) em escolas públicas situadas na cidade de Porto Alegre.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, sendo o primeiro a justificativa da escolha do tema; o segundo apresenta a história da origem do currículo integrado, e conseqüentemente, do planejamento integrado e as diferentes formas de integrar os conhecimentos; o terceiro apresenta os excertos das entrevistas, e está dividido em duas partes “Desafios na hora de planejar” e “concepções de planejamento integrado e como ele oportunizou aprendizagens”; e por fim, o quarto capítulo explicita o percurso metodológico utilizado para construir o presente estudo investigativo.

Pesquisei e me apropriei de artigos e trabalhos acadêmicos que tinham a mesma temática que o presente estudo e destes selecionei aqueles que considerei indispensáveis. Esclareço também que a fundamentação teórica está organizada e referenciada principalmente no pensamento dos autores Jurjo Santomé e Fernando Hernández. Também busquei apoio teórico nas ideias de Maria Bernadette Castro Rodrigues e Maria Luisa Xavier para fundamentar e contextualizar a forma de planejar de modo integrado.

Finalizo esta pesquisa respondendo a questão central do trabalho a partir dos dados empíricos e mostrando o que aprendi com esta pesquisa. Além disso, trago novas questões sobre o estudo.

## **2 JUSTIFICANDO E RESSIGNIFICANDO A FORMA DE PLANEJAR - dando sentido ao estudo**

Escolhi a temática planejamento integrado através das leituras realizadas na 5ª etapa do curso de Pedagogia, nas disciplinas EDU02062 – Didática, Planejamento e Avaliação e EDU02073 – Seminário de Docência: Organização Curricular: Fundamentos e Possibilidades – 4 a 7 anos. Os autores e livros estudados me instigavam e faziam repensar sobre as práticas e ações docentes que estava acostumada a observar e realizar em sala de aula na condição de estagiária em turmas da Educação Infantil em uma escola privada de Porto Alegre. Durante as semanas de observação e prática do curso de Pedagogia também comecei a me questionar sobre o modo como planejava e se aqueles ensinamentos seriam significativos o bastante para as crianças.

A partir das leituras dos textos de Fernando Hernández (1998a, 1998b, 2001 e 2004) e Jurjo Santomé (1998), percebi que a educação poderia tomar rumos diferentes se o currículo das escolas adotasse uma

[...] base transdisciplinar, considerando não como algo que decide os interesses profissionais dos docentes [...] mas como resultado de um diálogo permanente com a “realidade” e com as mudanças que têm lugar na sociedade, no conhecimento e nos sujeitos pedagógicos. (HERNÁNDEZ, 2001, p. 6)

Sendo assim, os saberes podem ser construídos e dialogados a partir de temas contemporâneos (como a tecnologia, gênero e sexualidade, imigração, etc) e/ou a partir de assuntos que sejam do interesse dos alunos, para que aprendam não somente os conteúdos, mas também construam suas subjetividades, o seu pensamento perante a sociedade e consigam compreender e fazer relações entre a vida e as matérias ditas escolares, fazendo com que as aprendizagens se tornem significativas.

Através da leitura de outros autores, como Maria Bernadette Castro Rodrigues (2000) que ressalta que o planejamento necessita de intenções, objetivos e pressupostos teóricos e Maria Luiza M. Xavier (2000) que escreve sobre o currículo, globalização, currículo integrado, pedagogia de projetos, projetos de trabalho, formação docente e interdisciplinaridade, pude aprimorar a minha busca

sobre este assunto e caminhar por outros aspectos da educação, buscando compreender o significado e a relevância de um planejamento integrado para oportunizar aprendizagens com sentido aos alunos.

Ressalto aqui que não farei o uso do termo “interdisciplinaridade” neste trabalho, pois pretendo investigar o planejamento numa visão mais globalizada e integrada. De acordo com o autor Jurjo Santomé (1998, p. 61) “[...] convém não esquecer que, para que haja interdisciplinariedade, é preciso que haja disciplinas.”. Por este motivo, entendo que trabalhar com a interdisciplinaridade seja trabalhar em cada disciplina com um tema em comum, buscando conexões. A interdisciplinaridade é uma forma de integrar os conteúdos, mas não como o proposto pela perspectiva dos anos iniciais. Entretanto, acredito que para o Ensino Médio (da forma como está organizado atualmente) se possa trabalhar deste modo, pois a formação dos professores para este nível de ensino é especializada (cada professor está capacitado para lecionar exclusivamente para uma disciplina), tornando mais difícil trabalhar de forma globalizada entre as diferentes matérias que fazem parte da grade curricular do Ensino Médio.

O interesse pelo planejamento integrado aumentou ainda mais durante o meu estágio curricular obrigatório. Apesar de não planejar de forma integrada (posteriormente explicarei os motivos), a vontade de aprender e aprimorar o conhecimento acerca deste assunto se tornou ainda maior. Se tornou uma questão que me instigou e me fez questionar sobre os motivos pelos quais não consegui integrar os conteúdos que a escola na qual realizei meu estágio solicitava com esta concepção de planejamento.

Quando escrevo sobre “vivências e experiências” não é apenas sobre o que os alunos sabem ou não, mas sim o modo de integrar os conteúdos no planejamento. Trago como exemplo a explicação que minha orientadora deste trabalho, Roseli Hickmann, me fez em uma de suas orientações: “posso abordar o “Corpo Humano” em Ciências através da alimentação, em Linguagem através de como nos vestimos, a forma como falamos, e em Matemática trabalhar as medidas, proporção, e uma infinidade de outras coisas”. Com isso, percebo que vivências e experiências são os aspectos do cotidiano que nos passam muitas vezes despercebidos. Por este motivo, é preciso ter um olhar atento, sensível e observador para que o ato de planejar consiga integrar as realidades e vivências que estão em sala de aula, na escola e na vida. Para a autora Madalena Freire “[...] o ato de

observar envolve todos os outros instrumentos: a reflexão, a avaliação e o planejamento, pois todos se inter cruzam no processo dialético de pensar a realidade.” (2008, p. 131).

A minha prática docente foi realizada no primeiro semestre deste ano (2015) em uma escola da rede pública do município de Porto Alegre, na zona sul da cidade, com uma turma de B20 (2º ano do segundo ciclo, equivalente a uma turma de 5º ano). A professora titular era nova na escola e nunca havia trabalhado com uma turma de 5º ano, apenas na Educação Infantil e em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede privada.

Considerando o contexto em que estávamos, tanto a professora titular quanto eu, não sabíamos o que a turma havia abordado nos anos anteriores, então decidimos começar uma investigação sobre quais conteúdos a turma já havia estudado. Assim, percebemos que muitos conteúdos de terceiro e quarto ano eles ainda não sabiam.

Após um mês e meio do início do meu estágio, houve uma reunião com as professoras e a coordenação sobre os conteúdos e objetivos para o ano. Até então, ainda estava fazendo uma retomada dos conteúdos e estudando com a turma apenas Português e Matemática. Havia outra professora para lecionar na disciplina de Estudos Sociais (História e Geografia), como a professora titular tirava folga uma vez por semana (na sexta-feira, quando eu também não ia, pois tinha orientação na faculdade), para não dar atrito na hora de planejar, no dia da folga da titular, a outra professora trabalhava com esta disciplina. Por estes motivos iniciais não consegui ter um eixo articulador no estágio e não pude planejar de forma integrada desde o início.

Com os conteúdos e objetivos já definidos pela escola, comecei a tentar integrar os conteúdos de Ciências e de Português através de diálogos com a turma e também em pequenos grupos, confeccionando cartazes e etc, mas a Matemática era difícil de ser integrada juntamente a essas outras duas disciplinas, apesar de algumas vezes conseguir trazer alguns aspectos que podiam estar relacionados. A partir disto passei a me questionar o motivo pelo qual não conseguia pôr em prática o planejamento integrado sobre o qual havia apropriado no quinto semestre do curso, através dos textos de Santomé (1998) e Hernández (1998a). Com base na minha inquietação acerca do planejamento integrado, resolvi pesquisar e aprimorar meu conhecimento sobre este modo de planejar.

Pelo exposto acima, no presente trabalho investiguei se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias. Concepções estas demonstradas nas entrevistas realizadas para este trabalho sobre as práticas docentes relatadas e narradas por elas em seus estágios curriculares obrigatórios no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### **3 UM POUCO DE HISTÓRIA: AS ORIGENS DO PLANEJAMENTO DE UM CURRÍCULO INTEGRADO – contextualizando o estudo**

Para iniciar este estudo, busquei diversos textos, livros, artigos e trabalhos de conclusão de curso sobre a temática (planejamento integrado) para colaborar, auxiliar e inspirar no decorrer da escrita do presente trabalho. Encontrei muitas produções que me auxiliaram, porém, precisei selecionar algumas que julguei serem indispensáveis.

Neste capítulo escrevo um pouco sobre as origens do currículo integrado, utilizando as contribuições que Jurjo Santomé (1998) e Viviane Mosé (2009) presentearam à educação. Contribuições estas que trazem a história do processo de industrialização no mundo, no início do século passado e como as escolas eram vistas naquela época e ainda hoje, considerando as inúmeras transformações do mundo do trabalho e suas ressonâncias para a escola na contemporaneidade.

De acordo com o autor Santomé (1998), o início do século XX é marcado por dois modelos de produção em massa sendo eles o Fordismo e o Taylorismo, posteriormente, na metade do século XX, surgiu o Toyotismo. Estes modelos fragmentavam e segmentavam o processo de produção nas grandes empresas automobilísticas. Há uma relação muito estreita com a construção da concepção e organização escolar através dos anos. Evoco alguns elementos que estabelecem esta relação.

Segundo o referido autor, as linhas de montagem surgiram a partir da “[...] organização e distribuição das tarefas em uma esteira transportadora criada por Henry Ford [...]” (SANTOMÉ, 1998, p. 11). O modelo Fordista aumentou a exploração sobre os trabalhadores, pois produzia mais produtos no mesmo período de tempo anterior. Porém, os trabalhadores realizavam a mesma tarefa de modo repetitivo durante toda a jornada de trabalho. Por este motivo “o ser humano perde progressivamente sua autonomia e independência para submeter-se às vontades da máquina” (SANTOMÉ, 1998, p.11). Os trabalhadores não podiam opinar e não participavam das tomadas de decisão, fazendo com que estes soubessem fazer apenas o seu trabalho, se especializando em sua função. Ou seja, perderam sua autonomia para criar e serem donos de suas próprias ideias.

Para o referido autor, o modelo Taylorista era uma forma de organizar uma divisão, criando uma hierarquia dentro da empresa, onde alguns pensavam e os

outros precisavam apenas obedecer e produzir. Portanto, “nesta modalidade de gestão e produção foram colocados obstáculos que impediam que os trabalhadores participassem dos processos de tomada de decisões e de controle empresarial.” (SANTOMÉ, 1998, p. 10-11).

Ainda segundo Santomé (1998), o modelo Toyotista surgiu através da necessidade do mercado econômico. O idealizador deste modelo foi Taichi Ohno, engenheiro-chefe da Toyota. Para Ohno os carros não poderiam ter defeitos e por isso utilizou algumas estratégias para controlar e verificar a qualidade dos produtos. Os trabalhadores podiam conduzir várias máquinas ao mesmo tempo “ao contrário do modelo fordista no qual devia atender apenas a uma tarefa” (SANTOMÉ, 1998, p.18). Porém, este modelo tem uma “característica importante [...] é a ocultação das hierarquias de poder, mas estas são reais.” (SANTOMÉ, 1998, p. 19).

Segundo o educador e pesquisador Antonio Flavio Barbosa Moreira (2008), em uma entrevista para o programa “Salto para o Futuro”, da TV Escola, a organização curricular se faz a partir de “[...] um dado momento histórico, numa dada sociedade, e vai refletir aquilo que essa sociedade deseja formar, como sendo o homem educado, a mulher educada, que deseja ter como membro desta sociedade.”.

A escola moderna nasceu durante este processo das grandes empresas em ter maior acúmulo de capital e produzir em massa. Por este motivo, a escola passou a ser comparada com o sistema fabril, pois continha muitos aspectos em comum com as fábricas e fragmentava o conhecimento,

Os conteúdos culturais que formavam o currículo escolar com excessiva frequência eram descontextualizados, distantes do mundo experimental de alunos e alunas. As disciplinas escolares eram trabalhadas de forma isolada e, assim, não se propiciava a construção e a compreensão de nexos que permitissem sua estruturação com a realidade. (SANTOMÉ, 1998, p. 14).

De acordo com o referido autor, “cada vez mais, as instituições escolares passam a ser vistas da mesma maneira que as empresas e mercados econômicos” (1998, p. 20). Pois “a taylorização no âmbito educacional faz com que nem professores nem alunos possam participar dos processos de reflexão crítica sobre a realidade.” (1998, p. 13), fazendo com que a escola seja fragmentada, onde cada indivíduo realiza o seu papel sem questionar este modelo. Assim, “[...] a instituição

escolar traía sua autêntica razão de ser: preparar cidadãos para compreender, julgar e intervir em sua comunidade, de uma forma responsável, justa, solidária e democrática. (SANTOMÉ, 1998, p. 14)”.

Para a filósofa Viviane Mosé, em uma palestra proferida no programa Café Filosófico, da TV Cultura – SP (2009) a escola segue um modelo que ela chama de “a escola como fábrica” que é uma

fábrica de pessoas pro mercado. E escola como fábrica por que também é uma escola que produz com muita rapidez numa linha de montagem esse conhecimento que ela quer administrar, ministrar. [...] O que caracteriza a produção em massa da fábrica? Caracteriza a segmentação e a fragmentação, a falta de noção de todo. Então o que temos na nossa escola? Temos a escola seriada. [...] O conteúdo é chamado de disciplina. As nossas aulas tem 50 minutos. [...] Sinal sonoro também é coisa de fábrica. Então a nossa escola segmentou ao máximo o saber, isso é característico da linha de montagem.

Ao pensar em instituição escolar, relembro de uma citação do autor Fernando Hernández (1998a, p.25) onde dizia que “[...] a função da Escola não é encher a cabeça dos alunos de conteúdos, mas, sim, contribuir para formá-los para a cidadania [...]”. Ainda, de acordo com este mesmo autor (1998a, p.25), acreditava-se que os alunos só aprenderiam a partir da memorização e repetição através da cópia do quadro-negro ou do livro didático. Algo bem relacionado à filosofia fordista de produção em série, onde cada funcionário fazia apenas o seu trabalho repetidamente, durante todos os dias (SANTOMÉ, 1998).

Compreendo que a escola deveria ser um lugar e um tempo onde os alunos pudessem ser escutados, onde os temas contemporâneos como *questões de gênero, raça e etnia, religiosidade, imigrações, problemas com o meio ambiente, violências, influências das tecnologias sobre os comportamentos, direitos humanos* etc, fossem realmente discutidos e analisados através de debates, assembleias e leituras. A escola deveria ser um espaço para aprender a socializar e respeitar as diferenças e claro, buscar a integração e equilíbrio dos saberes escolares com os saberes trazidos pelo interesse e perspectiva dos alunos.

Conforme a autora Maria Luiza Xavier, o compromisso da escola continua sendo “[...] com a aquisição e a produção de conhecimentos e com o

desenvolvimento harmonioso da criança e do jovem.” (2004, p.17). Mas a escola também deveria ser um

[...] espaço para discussões de temáticas contemporâneas [...] que até então não têm sido contemplados na escola por não se encaixarem nas áreas disciplinares e serem normalmente consideradas “como saberes não escolares” (XAVIER, 2000, p.9)

Ao analisar a escola e o modo como ela está fragmentada, o autor Jurjo Santomé (1998) afirma ser possível organizar o currículo de outras maneiras, sem segmentar por disciplinas e conteúdos. Para ele o currículo poderia ser organizado por “[...] núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados por tema, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, espaços geográficos, grupos humanos, ideias, etc.” (1998, p.25). Sob uma perspectiva que vai ao encontro desta concepção, o autor Fernando Hernández se interessou a comprovar que se pode organizar o currículo através de “[...] temas e problemas nos quais os estudantes se sentissem envolvidos, aprendessem a pesquisar [...] para depois aprender a selecioná-las, ordená-las, interpretá-las e tornar público o processo seguido.” (1998a, p.19). Neste sentido, este mesmo autor buscou “traçar um currículo centrado em problemas ou temas que se relacionasse aos interesses dos alunos (no sentido de que fossem interessantes, porque lhes ajudava a dar sentido ao mundo em que vivem e a eles próprios)” (HERNÁNDEZ, 2001, p. 2).

Segundo o educador e pesquisador Antonio Flavio Barbosa Moreira (2003), a escola é a mediadora que desenvolve o ensinamento de uma cultura que passa de geração para geração. Pode-se perceber que historicamente a escola, além de estar estruturada de maneira fragmentada, ela ensina a cultura que julga ser a melhor, porém, não necessariamente a mais adequada para seus alunos. Ainda para Moreira (2003) este modelo de escola “seleciona saberes, valores, práticas e outros referentes que considera adequados ao seu desenvolvimento”.

De acordo com Santomé (1998), o currículo integrado visa articular saberes entre o indivíduo e o mundo no qual ele vive e convive, trazendo a noção do todo, que tudo está conectado e não segmentado. O modelo no qual a escola está inserida não é integrado e sim, fragmentado, seguindo os modelos de produção em série.

Neste sentido, a filósofa Viviane Mosé (2009) salienta que *"o pensamento fragmentado afasta o ser humano da única coisa que existe: que é a vida"*. Portanto, de um modo geral, a escola vem se distanciando de seus alunos há anos, pois não leva em consideração os saberes e experiências de vida de seus alunos. Geralmente, percebe-se que o currículo escolar está voltado para e diretamente aos interesses da escola, que nem sempre está em sintonia com os interesses dos/as alunos/as. Sendo assim, Hernández (1998a) ressalta que os estudantes acabam por não encontrar respostas para seus interesses e problemas pessoais dentro da escola. Em meu estágio obrigatório não consegui praticar o planejamento integrado por este motivo, acabei levando em consideração apenas os conteúdos escolares e não consegui articular com outros aspectos sociais e que fizessem sentido às aprendizagens dos alunos, bem como, foi bastante desafiador buscar uma articulação entre os próprios conteúdos escolares.

A importância de fazer o uso de um planejamento globalizado vem das necessidades da sociedade contemporânea. Hoje em dia vivemos em uma sociedade onde "os meios de comunicação e as redes informatizadas são um dos principais motores desta nova sociedade global, indispensáveis para entrelaçar todas as dimensões da sociedade, sua vida econômica, cultural, produtiva, de lazer, etc." (SANTOMÉ, 1998, p.83).

Por este motivo, os alunos estão acostumados a receber informações através de telejornais, novelas, desenhos animados, filmes, internet e mais inúmeras formas de estarem conectados ao que ocorre no mundo. Estamos inseridos em uma sociedade onde tudo é dinâmico e conectado, e quando estes alunos entram na sala de aula a realidade não é a mesma que se passa fora dos muros da escola. Pois, geralmente, as escolas estão divididas em disciplinas, fragmentando o saber, fazendo uma "compartimentação dos conteúdos" tornando assim, "mais difícil [...] a sua compreensão, pois a realidade torna-se menos precisa." (SANTOMÉ, 1998, p.41). A escola precisa estar em sintonia com seus estudantes e deve "[...] permitir aos estudantes uma melhor compreensão de si, do outro, da natureza, da sociedade, das diferentes culturas, das artes, das tecnologias e dos sistemas de produção da sociedade contemporânea." (XAVIER, 2000, p.8).

### 3.1 SOBRE AS DIFERENTES FORMAS DE INTEGRAR

Há muitas formas diferentes de integrar os conteúdos no planejamento. Elejo algumas formas que me apropriei a partir das leituras de Rodrigues (2000), Santomé (1998) e Hernández (1998a, 1998b, 2001 e 2004).

Partindo do que já foi exposto até o momento, concordo com Rodrigues (2000, p. 64) ao dizer que “[...] pode-se então denominar ensino integrado as alternativas de ações pedagógicas que buscam criar condições e ambientes nos quais os alunos e alunas se vejam motivadas para investigar, indagar e aprender.”. Deste modo, volto a salientar que a interdisciplinaridade é uma forma de integrar os conhecimentos, porém não como o proposto pela perspectiva dos anos iniciais.

Neste momento apresento algumas formas de organizar as ações educativas que visam buscar a integração entre os aspectos já mencionados durante este trabalho e neste sentido, todas estas ações têm como objetivo em comum “ensinar os alunos a pesquisar a partir dos problemas relacionados com situações da vida real” (HERNÁNDEZ, 1998a, p.51).

#### 3.1.1 Os centros de interesse

O pedagogo Ovide Decroly foi o idealizador desta forma de planejar que busca integrar as “[...] necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais da pessoa” (SANTOMÉ, 1998, p. 194), além de conhecer e compreender os aspectos que a natureza proporciona. Sendo eles “os animais, as plantas, a terra (água, ar e solo) e o sol, a lua e os outros astros” (SANTOMÉ, 1998, p.194).

De acordo com a autora Rodrigues (2000, p. 66), Decroly “sugere três etapas de aprendizagem: observação direta das coisas, associação das coisas observadas e expressão do pensamento da criança através da linguagem oral e escrita, do desenho, da modelagem e de outros trabalhos manuais.”, onde a criança entenderia o meio e o conhecimento que está sendo ensinado, compreenderia o que está relacionado aquele ensinamento e após, pudesse discorrer sobre o que entendeu através da sua subjetividade.

Além da forma de integrar e as etapas de aprendizagem, Decroly aponta cinco princípios essenciais desta forma de planejar que são: “[...] liberdade, individualidade, atividade, intuição e globalização.” (RODRIGUES, 2000, p. 66). Ele defende que não se pode aprender de forma fragmentada pois o “[...] programa deve tender à unidade, no sentido de que todas as suas partes devem relacionar-se entre si, formando um todo indivisível.” (RODRIGUES, 2000, p. 66). Pois estas três etapas que Decroly enfatiza nos centros de interesse são indissociáveis, ele realmente aborda o conhecimento em sua totalidade, sem deixar de lado a vida social dos alunos.

Santomé (1998) aponta que esta forma de planejar parte do interesse da infância e é impulsionada com a finalidade de atender às três necessidades: fisiológicas, psicológicas e sociais da pessoa.

### **3.1.2 Método de Projetos**

Com origem no início do século XX, o Método de Projetos ainda é tendência para a organização de um currículo integrado (RODRIGUES, 2000). O físico e matemático William H. Kilpatrick criou e formulou esta metodologia baseada na ideologia do filósofo e pedagogo, John Dewey.

De acordo com Santomé (1998), o Método de Projetos atenta para o que é de interesse para os alunos, fazendo com que eles tenham interesse em aprender a resolver seus problemas de forma coletiva. Além disso, tem como propósito auxiliar na melhoria da qualidade de vida.

Ainda para Santomé (1998, p. 204) “uma das prioridades das instituições escolares é ajudar meninos e meninas a obter melhor inserção em seu meio ambiente e a agir de maneira autônoma”. Pois este método visa abordar os problemas do cotidiano e como solucioná-los, como por exemplo “[...] construir uma cabana, preparar uma festa, construir uma pequena horta, proteger e ajudar um animal ferido, etc.” (SANTOMÉ, 1998, p.204).

Este método é organizado em quatro passos, sendo o primeiro deles: decidir a finalidade do projeto. Vale ressaltar que “os estudantes é que têm de elaborar seu próprio plano de projetos, e decidem como e quando precisam de ajuda para

aprender ou resolver os problemas nos quais estão envolvidos” (SANTOMÉ, 1998, p.205). Após a decisão, os alunos devem elaborar o modo como resolverão o problema e devem executá-lo. E por último, devem fazer uma avaliação do projeto.

Apesar de levar em consideração o interesse dos alunos, este método não exclui os conteúdos que a escola deve sempre ensinar. Os professores devem apresentar novas propostas para os alunos, lembrando que “um bom projeto curricular tem de ser prazeroso e educacional ao mesmo tempo”. E ainda, deve proporcionar “uma certa continuidade nos aprendizados” (SANTOMÉ, 1998, p. 206).

### 3.1.3 Temas Geradores

O educador e filósofo Paulo Freire foi o idealizador dos Temas Geradores para serem utilizados na alfabetização de adultos a partir de palavras geradoras que aparecem em frases que traduzam o cotidiano das pessoas a serem alfabetizadas e “[...] há um interesse em provocar debates mais profundos sobre as questões que as palavras geradoras apenas sugerem.” (RODRIGUES, 2000, p. 68).

Cada palavra faz parte de um grande tema, que seria o tema gerador. Para Paulo Freire esta metodologia serve para ser utilizada na alfabetização, porém, outras autoras acreditam que se possa utilizar no “planejamento educacional, sendo uma forma possível para promover integração curricular” (RODRIGUES, 2000, p.68). A autora Sonia Kramer, referenciada por Rodrigues (2000), ressalta que os temas geradores oportunizam

[...] articular, no trabalho pedagógico, a realidade sociocultural das crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças manifestam, bem como os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito de acesso (KRAMER *apud* RODRIGUES, 2000, p.69)

A mesma autora sugere ainda “[...] a seleção dos temas geradores considerando “temas cíclicos” [...] e [...] “temas contextualizados”” (RODRIGUES, 2000, p.69). Entendo que os temas cíclicos referem-se a eventos como dia das mães, pais, natal, etc, e temas contextualizados referem-se a gentilezas, diferenças, etc. Acredito que este tipo de integração pode ir ao encontro dos Projetos de

Trabalho de Fernando Hernández, podendo fazer um projeto sobre os temas contextualizados.

### **3.1.4 Projetos de Trabalho**

A partir da necessidade de mudar a concepção de currículo nas escolas e de oportunizar o conhecimento aos alunos de forma não fragmentada, o educador e pesquisador Fernando Hernández pensou em uma forma de integrar os conteúdos escolares com os conteúdos que a escola desconsiderava, pois não eram escolares. Com isso, surgiu os Projetos de Trabalho na segunda metade do século XX.

Para Hernández (1998a), os Projetos de Trabalho não são considerados como método, pois não é uma receita a qual se deve seguir, não há regras e é imprevisível, não sendo linear. Nos Projetos de Trabalho “o professor também pesquisa e aprende” (HERNÁNDEZ, 1998a, p.78) e não tem como ser repetido, pois cada turma é diferente da outra e tem interesses diferentes. Portanto, mesmo quando “[...] duas professoras compartilham uma mesma pesquisa, o percurso pode ser diferente” (HERNÁNDEZ, 1998a, p.78). Para o referido autor, os Projetos de Trabalho podem ser vistos como “uma concepção de ensino” que é “[...] baseado no ensino para a compreensão, o que implica que os alunos participem de um processo de pesquisa que tenha sentido para eles (não porque seja fácil ou agradável) e no qual usem diferentes estratégias de estudo”. (HERNÁNDEZ, 1998b, p.31).

Conforme já explicitado anteriormente, Hernández (1998a) acredita que se possa organizar o currículo escolar de outras formas, através de “[...] temas e problemas nos quais os estudantes se sentissem envolvidos, aprendessem a pesquisar [...] para depois aprender a selecioná-las, ordená-las, interpretá-las e tornar público o processo seguido”. (HERNÁNDEZ, 1998a, p. 19)

Por este motivo, esta forma de compreender, interpretar e integrar os conhecimentos escolares se faz através de pesquisas, experiências e vivências, que podem ou não fazer parte do conhecimento acadêmico. Para o autor “[...] o objetivo de toda aprendizagem é estabelecer um processo de inferências e transferências entre os conhecimentos que se possui e os novos problemas-situações que são propostos.” (HERNÁNDEZ, 1998a, p.74).

Para o referido autor, os Projetos de Trabalho utilizam as disciplinas escolares como uma referência, como “[...] um farol que assinala uma costa para orientar-se numa exploração mais ampla e incerta” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 26), não como algo que deva ser alcançado. Parafraseando o autor (HERNÁNDEZ, 1998b), as crianças não aprendem através da acumulação de saberes, elas aprendem de forma relacional, fazendo conexões com outros saberes que já possuem.

Ao pesquisar sobre os temas ou problemas do projeto, o aluno acaba por ser responsável de sua própria aprendizagem. Por isso, o planejamento de um projeto de trabalho “[...] costuma ser um planejamento motivador para o aluno, pois este se sente envolvido no processo de aprendizagem.” (HERNÁNDEZ, 1998a, p.89).

No capítulo a seguir apresento a importância de planejar de forma integrada buscando articulá-los com as vozes das professoras-estagiárias em alguns excertos das entrevistas.

## 4 TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa que é *analisar e identificar se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias*, busquei contemplar uma abordagem qualitativa a partir da abordagem utilizada e a partir da análise realizada através das entrevistas.

Na seção seguinte deste capítulo apresento a metodologia utilizada para fazer esta pesquisa e a seguir a abordagem utilizada.

### 4.1 PESQUISA QUALITATIVA

Esta pesquisa procurou contemplar o estudo qualitativo através do uso da metodologia estudo de caso, desenvolvida na área da educação a partir de entrevistas semiestruturadas com professoras-estagiárias do 8º semestre do curso de Pedagogia da UFRGS.

Conforme as autoras Menga Lüdke e Marli André (1986, p.18) salientam “o estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.”. Ainda, conforme a autora Arilda Godoy (1995, p.21) frisa sobre o objetivo da pesquisa qualitativa que é “[...] estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos [...]” pode-se atribuir à minha pesquisa o caráter qualitativo, pois o material empírico consiste em um estudo de caso sobre as práticas pedagógicas de professoras-estagiárias.

Segundo os autores Bogdan; Biklen (*apud* LÜDKE; ANDRÉ) “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto [...] do pesquisador com o ambiente e a situação investigada” (1986, p. 11). Ainda segundo os referidos autores, a pesquisa qualitativa “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (*apud* LÜDKE; ANDRÉ. 1986, p. 13).

Elegi a abordagem estudo de caso para esta pesquisa fazendo um estudo analítico através das entrevistas realizadas com cinco professoras-estagiárias do curso de Pedagogia. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

#### **4.1.1 Estudo de caso**

Tendo em vista o objetivo, os sujeitos e o caráter qualitativo desta pesquisa, pode-se atribuir que a abordagem seja estudo de caso. De acordo com as autoras Lüdke e André (1986, p.17) “o estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico”, sendo assim, “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”.

Sabendo que há alguns trabalhos sobre o assunto desta pesquisa, cito novamente as autoras Lüdke e André (1986, p.17) que salientam que “o caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.”.

O estudo de caso permite que o investigador possa selecionar o que interessa e pesquise a fundo o problema. Segundo o autor Manuel Jacinto Sarmiento (2000, p. 151) “não se trata de uma transposição imediata e linear da realidade: sobre esta foram feitos cortes, seleções, nela há pontos de luz particularmente pregnantes para a atenção do investigador e há também pontos de cegueira.”. Durante a coleta de dados o pesquisador deve captar tudo o que é possível para que no momento da análise consiga suprir suas necessidades.

O presente estudo tem como sujeitos da pesquisa professoras-estagiárias que foram escolhidas a partir da apresentação final dos estágios realizados no final do 7º semestre do curso de Pedagogia da UFRGS. No momento em que cada uma apresentou a sua prática docente percebi que havia, ao menos, tentado trabalhar de forma integrada. Por este motivo, convidei-as para fazerem parte desta pesquisa através de entrevistas.

A seguir, apresento a turma e em qual rede de ensino foi realizado o estágio curricular obrigatório de cada uma. A escolha dos nomes fictícios foi feita por mim, apenas a primeira letra é verídica.

- Eliana – Turma de 2º ano em uma escola da rede municipal de Porto Alegre. Projeto sobre Pontos de Vista e Perspectivas – Sistema Solar.
- Giovana – Turma de 4º ano em uma escola da rede federal no município de Porto Alegre. Projeto “Sora me faz uma gentileza - Como desenvolver com alunos formas gentis de serem vivenciadas na escola”.
- Bianca – Turma de 3º ano em uma escola da rede estadual no município de Porto Alegre. Projeto “Dobradinha Brasil X México”.
- Andréia – Turma de 3º ano em uma escola da rede municipal de Porto Alegre. Projeto sobre a Água.
- Vanessa – Turma de 4º ano em uma escola da rede estadual no município de Porto Alegre. Projeto sobre os Solos.

#### **4.1.2 Instrumento de coleta de dados: Entrevista semiestruturada**

As entrevistas realizadas eram semiestruturadas com perguntas sobre como se deu a prática docente de cada uma buscando elementos relacionados ao planejamento integrado e se esta forma de planejar oportunizou aprendizagens junto aos alunos.

É importante ter a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados por que segundo o autor Cristiano de Oliveira (2008, p.12) “[...] o pesquisador pode acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes.”, deixando de ser um questionário, uma conversa formal. Assim, o pesquisador descobre outros aspectos que podem se tornar importantes para a pesquisa e o pesquisado se sente mais a vontade em responder às perguntas.

Para as autoras Lüdke e André (1986, p.34) “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada [...]”, por este motivo elegi este tipo de ferramenta para a minha pesquisa, pois se realizasse um questionário talvez não pudesse sentir as emoções acerca do seu estágio que cada entrevistada demonstrou para mim durante a entrevista.

Segue abaixo as perguntas semiestruturadas feitas durante a entrevista com as professoras-estagiárias:

1. Em qual escola realizou o seu estágio obrigatório? Qual turma? Qual a faixa etária dos alunos? Descreve um pouco a turma.
2. Utilizou o planejamento integrado para a prática pedagógica? Se sim, qual o eixo articulador/temática integrada utilizada?
3. Como foi feita a escolha do eixo articulador/temática integrada e a tomada de decisão? (A professora pensou? Os alunos contribuíram? A escola sugeriu?)
4. De que forma contemplou os conteúdos propostos pela escola?
5. Qual a tua concepção de planejamento integrado e quais referenciais teóricos utilizaste em teu estágio?
6. Qual foi a sua forma para integrar e globalizar os conteúdos em seu planejamento? (centros de interesse/projetos/temas geradores...)
7. Quais elementos na hora de planejar você mais levou em conta? (objetivo, conteúdo, etc).
8. Como foi a participação e envolvimento dos/as alunos durante todo o teu processo de docência, considerando o foco de um planejamento integrado? Eles contribuíram? Como?
9. A maneira de planejar e implementar as aulas oportunizou aprendizagens junto aos alunos? Como percebeu que favoreceu/oportunizou (ou não)? De que forma?
10. Relate uma situação/experiência de teu estágio que representa e expressa o uso do planejamento integrado.

## **5 PLANEJANDO E INTEGRANDO SABERES – olhares das professoras-estagiárias**

Neste capítulo trago reflexões sobre o planejamento de um currículo integrado e a importância do mesmo ao integrar os conteúdos escolares para oportunizar aprendizagens significativas aos alunos. Também trago as vozes das professoras-estagiárias entrevistadas desta pesquisa, buscando estabelecer escutas e diálogos com os saberes vindos do empírico.

Como mencionado anteriormente, alguns autores acreditam que o currículo escolar possa ser organizado não por disciplinas, como tem ocorrido há anos, pode ser organizado de um modo mais integrador a partir de “[...] núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados em temas, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, espaços geográficos, grupos humanos, idéias, etc.” (SANTOMÉ, 1998, p.25).

A partir desta concepção, pensadores começaram a refletir sobre como a escola poderia estar organizada de uma maneira globalizada que pudesse integrar os conhecimentos e que fizesse sentido às aprendizagens dos alunos. Lanço mão das palavras de Santomé mais uma vez ao dizer que

O currículo globalizado e interdisciplinar converte-se assim em uma categoria “guarda-chuva” capaz de agrupar uma ampla variedade de práticas educacionais desenvolvidas nas salas de aula, e é um exemplo significativo do interesse em analisar a forma mais apropriada de contribuir para melhorar os processos de ensino e aprendizagem (SANTOMÉ, 1998, p.27).

Ainda para o autor Santomé (1998, p.187), o currículo “[...] deve servir para atender às necessidades de alunos e alunas de compreender a sociedade na qual vivem”, construir sua subjetividade e crescer “[...] como pessoas autônomas, críticas, democráticas e solidárias [...]”. Por este motivo o currículo integrado auxilia no processo de desenvolvimento do indivíduo, pois não estuda os conteúdos de maneira fragmentada, mas estuda os conteúdos em suas totalidades, trazendo exemplos da comunidade e da vida cotidiana não escolar.

A partir do exposto acima, trago um excerto da entrevista da professora-estagiária Eliana sobre o processo de se construir aluno através do uso de um planejamento integrado na prática da professora titular da turma na qual Eliana realizou seu estágio:

Uma coisa que eu reparei muito nos meus primeiros dias é que a postura da professora em relação a eles era muito de ajudar eles a se construírem alunos. Então era aquela coisa de tu ter postura, de tu esperar a vez para falar, de respeitar a opinião dos colegas.

Pode-se perceber na fala da professora-estagiária que a professora titular estava em um processo de construção com a turma, uma construção de ser aluno. O autor Gimeno Sacristán salienta que

[...] é preciso considerar que essas práticas sociais e educacionais estão ligadas a outras mais globais, relacionadas com o funcionamento da sociedade em geral: [...] o papel da escolaridade em cada momento histórico e nas circunstâncias sociais [...]. (2005, p.17).

Esta construção de ser aluno não é apenas para a escola, é também para a sociedade, visto que devemos respeitar as opiniões divergentes, escutar os outros, esperar a sua vez para ser atendido em algum lugar, etc. Esta construção que a Eliana falou está muito ligada a não somente se construir aluno, mas também de se construir cidadão, por meio dos saberes, práticas e vivências oportunizadas pelo currículo.

As autoras Clarice Traversini e Patrícia Pinho (2013) fazem o uso das palavras de Miguel Arroyo ao escrever que

a aprendizagem não é fruto apenas de uma acumulação de novos conhecimentos aos esquemas de compreensão dos alunos e sim de uma reestruturação desses esquemas, a partir do estabelecimento de relações entre os conhecimentos que já possuem e os novos, com os quais se defrontam. (ARROYO *apud* PINHO; TRAVERSINI. 2013, p.71)

Por este motivo, a autora Xavier (2000, p.13) ressalta que “o processo de aprendizagem é um processo global”, pois o aluno aprende “participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes, escolhendo procedimentos”. Por mais

fragmentado que seja o saber, a sociedade não se constitui deste modo, ela é global e o aluno precisa compreender de forma relacional onde vive.

## 5.1 DESAFIOS NA HORA DE PLANEJAR

Neste tópico escrevo sobre alguns dos desafios encontrados pelas professoras-estagiárias na hora de planejar de forma integrada.

De acordo com Santomé (1998), já mencionado anteriormente, o currículo integrado visa articular saberes entre o indivíduo e o mundo no qual ele vive e convive, trazendo a noção do todo, que tudo está conectado e não segmentado. Neste sentido, Hernández evocando Edgar Morin, escreve sobre o desafio de hoje que é ter acesso “às informações sobre o mundo e como adquirir a possibilidade de articulá-las e organizá-las” (1998a, p.37). Hoje em dia falamos muito em conectividade e que tudo está conectado, porém, somos seres humanos e tudo sempre esteve conectado, mas ao longo dos anos os conhecimentos passaram a ser fragmentados e especializados. Por isso é tão difícil e acabou por se tornar um desafio contemporâneo conseguir integrar novamente os conhecimentos e os saberes, formando crianças que compreendam a vida e a sociedade de uma forma globalizada.

A professora-estagiária Eliana descreve sobre o desafio de desenvolver um planejamento de forma integrada em sua turma:

Eu acho que o planejamento integrado é de fato deixar acontecer na sala de aula [...] não é fácil, mas está ali, só a gente que não presta atenção [...] é integrar isso no planejamento e não trabalhar as coisas isoladamente. A partir do momento em que a gente faz um planejamento integrado, a gente vê como é difícil de trabalhar as coisas isoladas. [...] eu acho que dá para pensar muito isso em relação ao planejamento integrado. É muito de tu prestar atenção, porque ta ali, ta tudo ali. É só tu organizar.

A partir do excerto acima, pode-se perceber que no início do percurso os/as docentes têm dificuldade em conseguir unir e organizar os conteúdos e experiências em um planejamento integrado, e após se apropriarem desta concepção de ensino, percebem como é difícil ensinar de forma fragmentada. Pois quando se utiliza um planejamento integrado percebe-se que não há como abordar um conteúdo sem

fazer relações entre outros aspectos das áreas do conhecimento e a realidade vivida pelos alunos.

Outro desafio que surgiu em algumas das entrevistas foi que nem sempre se consegue integrar, por questões da escola e do calendário escolar, por ter que dar conta dos conteúdos de matemática e português para a semana de avaliações e etc.

A professora-estagiária Vanessa encontrou muitos desafios por conta das exigências da escola na hora de fazer o seu planejamento integrado durante o seu estágio:

Foi bem difícil de eu chegar em uma suposta integração entre todas as disciplinas, porque naquele escola era bem dividida a questão dos conteúdos, por períodos e semanas. Por exemplo, no quarto ano eles já tinham dois períodos de matemática, um de português, um de ciências em um dia, então eram cadernos separados... A professora titular, com a semana de avaliações e entrega de boletins, ela pediu para eu correr nos conteúdos e não me perder, entendeu? Então foi difícil integrar tudo, sabe?

O autor Hernández (2004, p.13) enfatiza que “o tempo nas escolas é não apenas programado, também rítmico e cíclico”. Na escola onde Vanessa realizou sua prática havia a grade de horários que ela deveria seguir, e como seus alunos tinham um caderno para cada disciplina, ficava difícil de abordar uma temática envolvendo os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento de maneira articulada na mesma aula.

As demandas da escola em torno dos conteúdos escolares e o calendário de provas fez com que as professoras-estagiárias tivessem que parar com o projeto para dar conta dos conteúdos de forma fragmentada. Abaixo, segue um excerto da entrevista com a professora-estagiária Andréia sobre o desafio de ter que dar conta dos conteúdos para a semana de provas:

Eu tinha uma tabela de conteúdos a serem alcançados, nos objetivos deles. Ai eu pensei "como vou fazer o projeto e mais esses conteúdos?" então normalmente eu integrava isso tudo. [...] Fazer o planejamento integrado, interdisciplinar, ele não é fácil. [...] Mas durante todo o estágio eu consegui fazer com que meus planejamentos fossem integrados entre as disciplinas [...]. Na maior parte eu tentava trazer coisas que se "linkavam", nem sempre dá. Por que eu tive que fazer duas semanas corridas de matemática e português. [...] O planejamento vai continuar sendo integrado, mas nem sempre aquela semana ou as duas próximas semanas vão ser. Eu tinha que fazer um planejamento de matemática e de português por que na outra semana eles tinham avaliação e eles precisariam saber os conteúdos e eu tive que dar um “corridão”. [...] E claro, sempre lembrando um pouco sobre o que estávamos trabalhando junto com o projeto.

A partir das falas da professoras-estagiárias, percebo que os desafios surgiram a partir das exigências impostas pela escola, pois a concepção e intenção de cada uma era de realmente utilizar o planejamento integrado para além dos conteúdos abordados de forma fragmentada. Os conteúdos, enquanto saberes escolarizados, fazem parte tanto das disciplinas quanto das áreas de conhecimento e estão relacionalmente presentes nas experiências que vivenciamos tanto na escola quanto fora dela. Utilizo novamente palavras de Hernández (1998a, p.50) quando escreve que “são os professores que, às vezes sem estar conscientes disso, tentam restabelecer o significado do saber escolar.”. Pois mesmo que a concepção da escola fosse diferente das concepções das professoras-estagiárias, eles estavam tentando “restabelecer o significado do saber escolar”.

## 5.2 CONCEPÇÕES DE PLANEJAMENTO INTEGRADO E SUAS POSSIBILIDADES DE OPORTUNIZAR APRENDIZAGENS

Neste tópico apresentarei as diferentes concepções que as professoras-estagiárias entrevistadas têm sobre o planejamento integrado e como esta concepção e forma de planejar pode oportunizar aprendizagens junto aos alunos.

A professora-estagiária Giovana entende que o planejamento integrado deve ser visto como um todo, sem tratar o conhecimento de forma isolada, dentro de uma caixa.

Eu acho que a gente não pode fazer nada em caixas separadas, entendeu? Eu acho que tudo o que tu faz na sala de aula tem que ter um eixo, um projeto e acho que o importante é que não pode esquecer que é um projeto. Não importa o que tu faça de ciências ou de matemática. Tu sempre tem que lembrar que tem um projeto, entendeu? E pensar que não são caixas separadas, que é uma coisa só.

Em relação às aprendizagens, Giovana conta que os alunos aprenderam muito a se respeitar e ajudar o outro através do projeto sobre as Gentilezas. Ao analisar o que foi relatado, percebe-se que Giovana fez uso dos projetos de trabalho de Hernández e pontuou as atitudes dos alunos, como sendo um conteúdo escolar, presente na realidade da turma. Por este motivo os alunos conseguiram enxergar

melhor o seu processo de aprendizagem, pois se viram em constante mudança social. A professora-estagiária Giovana conseguiu abranger uma

[...] visão educativa que considera a institucionalização escolar como parte de uma comunidade de aprendizagem aberta, onde os indivíduos aprendem com os outros e onde a investigação sobre o emergente tem, nessas trocas, um papel fundamental. (HERNÁNDEZ, 2001, p.6)

Abaixo, segue o excerto onde ela dialoga sobre as aprendizagens dos alunos:

Eu sempre fiz dinâmicas em grupo e isso ajudou muito, eles cresceram muito com isso. [...] Acho que foi a partir daí que eles começaram a ver que realmente eu estava, digamos, integrando o planejamento. Eles sentiam em tudo, na hora do lanche, no pátio, no recreio. [...] Eles aprenderam bastante coisas [...] um ajudava o outro [...] até em questão à matemática. [...] Quando eu cheguei lá eles eram mais individualistas e depois eles aprenderam a trabalhar em grupo. Eles já sentavam em grupos, mas uma coisa é sentar em grupo, outra coisa é trabalhar em grupo. Com o projeto das Gentilezas eles foram aprendendo a trabalhar em grupo e se ajudando mais.

Entendo que este projeto fez valer a ideia de que a escola pode “[...] permitir aos estudantes uma melhor compreensão de si, do outro, da natureza, da sociedade, das diferentes culturas, das artes, das tecnologias e dos sistemas de produção da sociedade contemporânea” (XAVIER, 2000, p.8).

Para a professora-estagiária Eliana, a concepção de planejamento integrado se assemelha ao de Giovana, na medida em que não se deve abordar e se apropriar os conteúdos isoladamente.

O planejamento integrado ele está pulsando para acontecer, basta a gente dar a oportunidade. [...] Não é tanto uma interdisciplinaridade, porque eu acho que às vezes a interdisciplinaridade fica uma coisa meio cansativa sabe? Por que tu acaba pescando uma coisa de cada área pra trabalhar um tema. Acho que fica uma coisa superficial. Acho que o planejamento integrado [...] é tu integrar os conhecimentos que partem ou que se desdobram em um determinado projeto. É tu integrar isso no teu planejamento e não trabalhar as coisas isoladamente.

O autor Antoni Zabala ressalta que os conteúdos dos métodos globalizados “passam de uma matéria para outra sem perder a continuidade” (1998, p.141). Por este motivo não seria algo que pudesse ser classificado apenas como interdisciplinar, mas como integrado e globalizado, como a Eliana argumentou. E quanto às aprendizagens, trago o excerto em que ela traz a fala de dois alunos

sobre um planeta, onde fica evidenciado que os alunos construíram aprendizagens e que o projeto estava fazendo sentido a eles:

Teve um aluno meu que falou assim "Eu queria muito morar em Saturno pra patinar nos anéis de lá" e um outro falou assim "Não, mas tu não pode. Porque os anéis de lá não são sólidos, eles são de elementos que são sais e minerais, mas não são sólidos!". Então como é que eu ia trabalhar o planeta sem deixar isso surgir deles, trabalhar isoladamente. [...] Não é dar voz, é simplesmente ouvir o que elas estão falando, é simplesmente escutar. Então eu acho que dá para pensar muito isso em relação ao planejamento integrado.

A professora-estagiária Bianca trouxe outro aspecto do planejamento integrado, que me pareceu estar relacionado à afetividade. Ou seja, os sentimentos também são conteúdos que encontram-se atravessados pelos saberes que produzem conexões, relações e sintonias entre os saberes.

Quando a gente consegue fazer com que as crianças se sintam abraçadas, que elas pertençam àquele planejamento. Que vá ao encontro com o que elas têm interesse, mas que eu consiga abranger também às necessidades que a escola solicita e que com isso seja significativo para eles e para mim também. [...] A forma de ouvir o que eles queriam e a maneira como queriam aprender fez os nossos laços se estreitarem muito mais e gente conseguir avançar mais ainda nas aprendizagens.

Ainda para o autor Antoni Zabala “as atividades devem partir de situações significativas e funcionais, a fim de que o conteúdo possa ser aprendido junto com a capacidade de poder utilizá-lo quando seja conveniente” (1998, p.81). Assim, exponho o excerto da entrevista com a Andréia, onde ela fala da motivação dos alunos:

Nem sempre o bom projeto [...] é aquele que vem do interesse da criança, ou aquele que eu observei que as crianças precisam. Pode ser um tema que eles tem que trabalhar por que a escola pediu, mas daí depende da gente né, fazer com que seja interessante pra eles. [...] Eles se sentiam motivados a todo tempo, daí vinham as frases né: "Sora, meu pai tava no banho mais de dez minutos, fui lá e bati na porta mandando ele sair" [...] sempre vinha uma discussão na aula mesmo quando eu não tinha proposto, eles estavam sempre ligados.

De acordo com o autor Hernández (1998a, p.89), o projeto de trabalho “costuma ser um planejamento motivador para o aluno, pois este se sente envolvido

no processo de aprendizagem”. Na entrevista, Andreia descreve que seus alunos traziam muitas informações sobre o projeto durante as aulas, pois o projeto estava fazendo sentido para eles.

Evoco o que foi exposto pela professora-estagiária Vanessa sobre a sua concepção de planejamento integrado, que leva em consideração tudo o que está à volta da sala de aula:

Planejamento integrado é aquele que envolve o todo, sabe Luise? [...] Hoje eu acho que o planejamento integrado leva em consideração tanto os conteúdos, como os alunos, o interesse deles, o tempo da turma, também leva em conta as coisas que eu gosto, as exigências da escola. O planejamento integrado envolve tudo. [...] Ele vai além dos conteúdos.

A partir da concepção de Vanessa, ela percebeu que as aprendizagens deles incidiram muito no âmbito relacional social, para além dos conteúdos restritos à escola. Ou seja, as aprendizagens fizeram sentido para as suas vidas cotidianas para além do contexto escolar.

As aprendizagens foram mais conjuntas e mais da relação na sala de aula [...] tanto os alunos quanto eu aprendemos muito na questão de nas aulas integrar tudo. Integrava o conteúdo, com um assunto que era do interesse deles e que era meu interesse, por que eu tinha que trabalhar aquilo. [...] Então eu acho que de aprendizagem foi mais social, [...] da relação entre nós, relação entre eles e os conteúdos.

Por fim, entendo que todas as professoras-estagiárias tiveram a intenção de planejar de forma integrada para possibilitar e oportunizar novas e significativas aprendizagens durante o período de estágio obrigatório. De certa forma, todas levaram para as salas de aula a sua concepção de planejamento integrado e tentaram da sua maneira (e como puderam) integrar os saberes e as experiências. Com isso, mais uma vez, utilizo as palavras do autor Hernández (1998a, p. 54)

A finalidade da organização dos conhecimentos em experiências substantivas de aprendizagem num currículo integrado não é favorecer a capacidade de aprender conteúdos de uma maneira fragmentada, e sim interpretar os conhecimentos que se encontram nessas experiências.

A partir das entrevistas, percebi nas falas das professoras-estagiárias que, na visão delas, os alunos conseguiram estabelecer relações e interpretavam os

conhecimentos que eram ensinados. Ainda, havia argumentos nos momentos em que os alunos apresentavam suas ideias e concepções sobre a temática. Como no excerto da professora Eliana, onde ela indica a fala de um aluno sobre os anéis de Saturno, em que ele interpreta a fala do colega e argumenta sobre a sua posição.

## 6 INDÍCIOS DE UM NOVO PERCURSO

Ao realizar esta pesquisa, percebo que há diversas e diferentes formas de integrar os conhecimentos e fazer o uso do planejamento integrado. A intenção de integrar os conhecimentos de forma globalizada, pensando na aprendizagem dos alunos e na construção de cada um, em se fazer cidadão, é basicamente a mesma. A característica fundamental do planejamento no sentido de ser integrado e globalizado está presente em cada maneira de planejar que traduz diferentes concepções de ensino e de aprendizagem (centros de interesse, projetos de trabalho, temas geradores, etc) que foram apresentadas neste estudo investigativo.

A partir das entrevistas, percebi nos relatos das professoras-estagiárias a dificuldade em conseguir unir os fragmentos, pois o currículo das escolas não levava em consideração a concepção de integração. Porém, mesmo com esta dificuldade, as professoras-estagiárias persistiram, pois acreditaram nesta concepção de planejamento e que esta forma de planejar iria oportunizar aprendizagens significativas aos alunos. Além disto, percebi que cada uma tem um enfoque diferente de planejamento integrado, porém, de formas e olhares diferentes cada uma alcançou os seus próprios objetivos dentro de sua concepção.

Ao escutar e analisar as falas das professoras-estagiárias, percebi que todas argumentaram que o planejamento integrado é importante para a construção de seus alunos e que, para elas, é a melhor forma de planejar as aulas.

Nesse sentido, retomo o objetivo deste trabalho: analisar e identificar se o planejamento integrado proporciona aprendizagens junto aos alunos a partir da narrativa das professoras-estagiárias. E ao analisar os relatos a partir das entrevistas realizadas, considero que é possível oportunizar aprendizagens junto aos alunos a partir do uso do planejamento integrado.

Ao finalizar este estudo, deparo-me com questões que possibilitam novos percursos pessoais. No início da pesquisa afirmo que não utilizei o termo “interdisciplinaridade”, pois o mesmo necessita de disciplinas e o presente trabalho teve a finalidade de abordar os conteúdos escolares das diferentes áreas do conhecimento de forma globalizada, sem o uso desta separação. Entretanto, percebi ao longo da pesquisa que se a escola não tiver uma concepção globalizada (como

as escolas onde algumas das professoras-estagiárias atuaram), acaba dificultando a prática docente dos/as professores/as que têm a referida concepção.

Com base nas análises realizadas neste trabalho, acredito que as escolas deveriam utilizar uma concepção que permita o uso do planejamento integrado, visto que o mesmo proporciona vantagens como aprender com os outros, aprender a partir da realidade, ter a noção do todo e se construir como aluno, fazendo com que os alunos tenham uma compreensão maior não só dos conteúdos ensinados como também tenham uma formação cidadã.

Apesar das vantagens do planejamento integrado citadas acima, penso que se a escola tem uma concepção de planejamento mais fragmentada e não se possa mudar essa concepção, a interdisciplinaridade pode ser utilizada como forma de integração nos anos iniciais, tendo em vista que o uso do planejamento integrado nestas é dificultado pela separação entre disciplinas e calendário escolar (com provas e datas comemorativas). Quem fará a diferença será o/a professor/a. Outra questão que sinaliza uma futura pesquisa: O que os alunos pensam sobre as aulas a partir desta forma de integração?

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 131.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio/junho 1995.
- HERNÁNDEZ, Fernando. O tempo nos projetos de trabalho. IN: **Revista Pátio**. Porto Alegre: Grupo A, n. 30, mai/jun 2004.
- \_\_\_\_\_. Os Projetos de Trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas. IN: **Projeto – Revista de Educação**. Porto Alegre: Projeto, v.3, n.4, 2001.
- \_\_\_\_\_. Repensar a função da escola a partir dos projetos de trabalho. IN: **Revista Pátio**. Porto Alegre: Grupo A, n. 6, ago/out 1998b.
- \_\_\_\_\_. **Transgressão e mudança na educação**: Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a. 150 p.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. IN: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Anped, n. 23, mai/ago, 2003.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo: Conhecimento e Cultura. Brasília. **TV Escola**, Brasília, 15 out. 2008. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=286ECEFC16A4E7B586211868D9ABE15C?idInterview=8151>> Acesso em: 7 nov. 2015.

MOSÉ, Viviane. **Desafios contemporâneos – A educação**. Campinas: CpfL Cultura, 2009. (49 min.). Disponível em: <<http://www.cpfLcultura.com.br/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-a-educacao-viviane-mose/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. Alagoas, v. 2, ed. 4, 2008.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Planejamento: em busca de caminhos. IN: XAVIER, Maria Luisa M.; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla (Orgs.). **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 59-73.

SACRISTÁN, José Gimeno. O adulto constrói o menor e o aluno. IN: \_\_\_\_\_. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: ARTMED, 2005. p.17

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinariedade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 278 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. IN: N. Zago; M. Pinto de Carvalho; R. A. T. Vilela (Org.) **Itinerários da Pesquisa – Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 151

TRAVERSINI, Clarice Salete; PINHO, Patrícia Moura. Planejamento e docência em questão: ensaios de práticas pedagógicas de 6 a 10 anos. IN: RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla (Orgs.). **Tópicos educacionais I**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2013. 136 p.

XAVIER, Maria Luisa M. Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. IN: ÁVILA, Ivany Souza. (Org.) **Escola e Sala de Aula Mitos e Ritos: Um olhar pelo avesso de avesso**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

XAVIER, Maria Luisa M. Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinariedade e integração curricular. IN: XAVIER, Maria Luisa M.; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla (Orgs.). **Planejamento em destaque:** análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 5-29.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998. p. 81.

## APÊNDICE

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia - UFRGS

Temática: ***Planejamento Integrado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental***

Aluna-Pesquisadora: Luise Oliveira de Freitas

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann

Meu nome é Luise Oliveira de Freitas e sou graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Venho por meio deste termo solicitar permissão para que eu possa realizar trabalho prático de coleta de dados para uma pesquisa educacional para fins de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação da Professora Roseli Inês Hickmann.

O tema de minha pesquisa aborda o Planejamento integrado nos anos iniciais do ensino fundamental e tem como objetivo investigar e compreender que tipos de aprendizagens o planejamento integrado favorece/oportuniza aos alunos.

Nesse sentido, gostaria de convidá-la/o a participar da presente pesquisa e, mediante o seu consentimento, gravar (em áudio) entrevista. Gostaria ainda de esclarecer que as informações coletadas serão mantidas sob sigilo ético, isto é, não sendo mencionados os nomes dos participantes, em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, garantindo a privacidade de todos os dados que forem confidenciais.

As entrevistas ocorrerão em local e data a serem combinados com os/as participantes.

Desde já agradeço pela atenção e colaboração, e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas;

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador/a do RG de número \_\_\_\_\_, aceito  
participar da pesquisa denominada “Planejamento Integrado nos Anos Iniciais do  
Ensino Fundamental”, desenvolvida pela pesquisadora Luise Oliveira de Freitas,  
graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Inês Hickmann,  
professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Assinatura do/a participante da pesquisa.

---

Assinatura da responsável pela pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Em caso de necessidade, favor entrar em contato com a pesquisadora Luise Oliveira de Freitas, através do email [luise.g81@hotmail.com](mailto:luise.g81@hotmail.com) ou do telefone ■■■■

■■■■.